

A dança Kipaé'xoti e Siputerêna na escola municipal indígena feliciano pio da aldeia ipegue, Aquidauana, MS, Brasil¹

The Kipaé'xoti and Siputerêna dances at ipegue village's feliciano pio indigenous municipal school, Aquidauana, MS, Brazil²

Nilzilene Paiz Flores³

Léia Teixeira Lacerda⁴

Maria Leda Pinto⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v24i53.1072>

Resumo: Neste texto apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no curso de Pedagogia da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2011. Os dados foram levantados por meio de rodas de conversa com 5 pessoas da Aldeia Ipegue, localizada a 60 km de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Nesta região vivem cerca de aproximadamente 1.081 pessoas da etnia Terena. Esta comunidade é considerada a mais antiga da região, constituída por 7 aldeias e 14 retomadas. Visa também descrever o ensino das Danças Terena: Kipaé'xoti e Siputêna, sendo a primeira encenada pelos homens e a segunda pelas mulheres, tanto na Escola Municipal Indígena Feliciano Pio desta Aldeia, quanto na referida comunidade. O ensino dessas danças é privilegiado, tendo em vista que o processo de aprendizado é iniciado pela família e pela comunidade por meio das festas realizadas nessa Aldeia. Entretanto, a comunidade e a escola não

¹ Para o desenvolvimento das etapas da pesquisa, seguimos as orientações legais que amparam os povos indígenas, por meio da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 304, de 09 de agosto de 2000 e posteriormente o protocolo ético previsto na Resolução n.º 466 (Brasil, 2012), e na Resolução Conep n.º 510 (Brasil, 2016), a fim de garantir segurança aos colaboradores.

² *For The research's development phase, we followed the legal orientations meant to aid indigenous people, following the National Health Council's resolution number 304, from August 09, 2000, and posteriorly, the ethical protocol seen on Resolution number 466, December 12, 2012, as well on Resolution Conep number 510/2016, aiming to guarantee safety towards the collaborators.*

³ Secretaria Municipal de Educação, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

⁴ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

oportunizam ensino do significado e das origens dessas danças, como elemento das tradições Terena que precisam ser repassadas às crianças. Outro aspecto que deve ser considerado é que a Língua Terena se constitui em um ensino ainda fragmentado na escola, inviabilizando aos estudantes adquirirem a sua compreensão. Faz-se necessária a realização de pesquisas pelos professores indígenas para que insiram a história das danças e do ensino da Língua Terena não fragmentado – no currículo da escola – nas modalidades oral e escrita, conforme preceitua a lei nº 11.6745 de 2008.

Palavras-chave: educação indígena; educação escolar indígena; cultura indígena.

Abstract: In this work, we present the results of a qualitative research developed at the Education Course from State University of Mato Grosso do Sul's Campo Grande University Unit, in 2011. The data was collected by doing rounds of conversation with 5 people from the Ipegue Village, located 60km from Aquidauana, Mato Grosso do Sul. In this region, approximately 1.081 people from the Terena ethnicity live, This is considered the oldest community of the region, consisting of 7 villages and 14 recovered territories. It also aims to describe the teaching of Terena Dances: Kipaé'xoti e Siputêrena, the first mentioned being performed by men and the second, by women, both in the Village's Feliciano Pio Municipal School and in the referred community. The teaching of these dances is a privilege, considering that the learning process is initialized by the family and community, in parties that occur in the Village. However, the community and the school don't take this opportunity to teach the dances' origins and meanings, as traditional Terena elements that need to be passed to the children. Another aspect that should be considered is that the Terena Language still consists of a fragmented way of being taught in schools, preventing the students from comprehending it. The realization of research led by indigenous teachers is a necessity so that the dances' history can be inserted in education, and that the Terena Language doesn't get fragmented – in the school's curriculum – in vocal and written modalities, as prescribed by law number 11.6745, from 2008.

Keywords: indigenous education; indigenous primary education; indigenous culture.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos os resultados de uma pesquisa desenvolvida para conclusão do Curso de Pedagogia da Unidade de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela primeira autora. Os dados foram produzidos na Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, localizada na Aldeia Ipegue, em Aquidauana, abordando as danças *Kipaé'xoti* e *Siputerêna* encenadas pelo povo

Terena. A dança *Kipaé'xoti* é encenada pelos homens e a *Siputerêna*, pelas mulheres. Desse modo, mapeamos as relações do ensino da cultura Terena na educação tradicional indígena e na educação escolar indígena.

Para tanto, realizamos um levantamento na comunidade e na escola, junto às pessoas que participam e organizam os grupos dessas danças e, por meio de seus relatos, foi possível conhecer as histórias sobre o seu surgimento entre os Terena. Desse modo, utilizamos a técnica da história oral — para o registro do percurso teórico e metodológico da investigação — com dados fotográficos dos passos das danças elaborados pela primeira autora, a fim de descrevê-los e analisá-los.

Apresentamos também um breve percurso sobre a história dos Terena, com os momentos marcantes de sua trajetória, dando destaque ao contexto histórico da Aldeia Ipegue, lócus do desenvolvimento das etapas da pesquisa. Dessa perspectiva, a origem das danças Terena *Kipaé'xoti* e *Siputerêna*, é apresentada por meio dos relatos de 5 pessoas que delas participam, procurando identificar como o ensino dessas danças pode ser priorizado, tanto na comunidade, quanto na escola. Além disso, detalhamos dados dos vestuários, dos instrumentos musicais, bem como das pinturas corporais, do uso da lança, do arco e da flecha utilizados nas apresentações dos grupos.

A partir desses relatos buscamos mapear a relação entre o ensino dessas danças e a escola, procurando identificar como ocorrem as aulas e o aprendizado na escola e na comunidade, a fim de descrever como esses conteúdos estão priorizados no currículo da instituição. Procuramos assim, analisar como o currículo das unidades didáticas de Língua Terena e Arte e Cultura Terena, tem contemplado o ensino das danças ou não, e como esse conteúdo tem sido desenvolvido pelos/as professores/a na referida Escola.

2 BREVE HISTÓRICO DO POVO TERENA

Como outros povos indígenas, a história dos Terena está ligada à existência de diversos outros povos indígenas e não indígenas, tendo em vista que esse grupo possui um longo histórico de contato interétnico. Desta forma, essa história é longa, repleta de passagens de lutas, que para revisitar o seu passado foi necessário que buscássemos as informações em fontes escritas, nos relatos dos anciãos e

junto às pessoas da comunidade da Aldeia Ipegue que lutam cotidianamente pela preservação da arte e da cultura Terena.

Neste subitem apresentamos dados da trajetória do Povo Terena, que lutou inúmeras vezes para que mulheres e homens desse grupo permanecessem vivos, considerando que,

[...] escrever a história, a partir do ponto de vista dos grupos indígenas, enfatiza-se, é também um dever dos historiadores. As vozes indígenas têm sido condenadas ao silêncio, por meio do genocídio sofrido pelos índios, da invisibilização ou de um sistemático processo de se ignorar sua presença pretérita e presente. Agindo dessa forma, ignora-se que a história do Brasil está dolorosamente entrelaçada à história dos índios que aqui viveram e vivem [...] (Silva; Silva, 2010, p. 47).

Segundo Ricardo e Ricardo (2006), em Mato Grosso do Sul encontra-se uma das maiores populações indígenas do Brasil,

A Região Centro-Oeste do Brasil possui uma rica diversidade sócio-cultural e étnico-racial e abriga/abrigou inúmeras sociedades indígenas ao longo do tempo. Mato Grosso do Sul, por exemplo, é um dos estados da federação que apresenta uma das maiores populações indígenas do país na atualidade e onde estão presentes, pelo menos, dez etnias – Atikum, Guarani-Kaiowá, Guarani-Ñandeva, Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinau, Ofaié, Terena e Xamacoco (Ricardo; Ricardo, 2006 *apud* Maciel; Silva, 2009, p. 211).

Outra obra que consultamos foi *A história do Povo Terena*, organizada por Circe Bittencourt e Maria Elisa Ladeira, publicada em 2000. Nessa obra, as autoras apresentam relatos que são confirmados pelos Terena que vivem na Aldeia Ipegue, pois descrevem fatos marcantes, que utilizamos neste texto, para descrever a trajetória que esse povo percorreu ao longo dos tempos.

Conforme Bittencourt e Ladeira (2000) a língua falada por esse povo contém elementos em comum com a língua falada pelos Laiana e Kinikinau e permite reconhecer que pertencem a um tronco linguístico de origem comum, denominado Aruák, constituindo importantes informações para identificar a origem e o local onde os Terena viveram em outros tempos.

De acordo com as autoras,

[...] as línguas indígenas existentes no Brasil podem ser agrupadas, de um modo geral, em grandes grupos denominados como “famílias linguísticas”

que, em alguns casos, têm falantes também em outros países. Estas “famílias” são Tupi-Guarani, Karib, Pano, Aruák e Jê. Existem também, além dessas grandes “famílias”, outras “famílias” menores como Guaicuru, Tukano, Maku e Yanomani. E ainda existem as línguas que os estudiosos classificam como “línguas isoladas”. Por “língua isolada” queremos dizer que os linguistas, que são os estudiosos das línguas, não sabem a que “família” original esta língua pertence (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 21).

Bittencourt e Ladeira (2000) salientam que a convivência com outros povos pode influenciar e gerar mudanças no modo de vida de um povo e as dos Terena não foi diferente; em algumas aldeias é falada a língua Terena de uma maneira diferenciada da outra, umas pronunciam a mesma palavra de maneira diferente, embora o significado seja o mesmo.

As autoras registram que os Aruák habitavam a região das Guianas e algumas ilhas da América Central. Quando os europeus invadiram a região, eles disputavam e dividiam o território com outros indígenas. O termo Aruák foi usado pelos europeus, para definir um conjunto de línguas faladas. O grupo Aruák está presente em várias regiões do Brasil, entre diferentes povos, como: Baníwa, Warekana, Tariána, Íyemi, Baré, Mandawáka, Yabaána, Wapixana, Palicur, Apurinã, Kámpa, Maxinéri, Manitenéri, Paresi, Salumã, Mehinaku, Waura, Yawalapití e os Terena. Na Bolívia encontram-se os Moxo e Chané, no Paraguai os Guanás.

Há vários povos indígenas que atualmente, habitam diversas regiões do Brasil, constituindo aproximadamente 305 etnias e 1,7 milhão de pessoas indígenas, o que representa (0,83%) da população total do país. É o que mostram novos dados do Censo Demográfico 2022 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cada povo vive um contexto social diferente de outros, com seus costumes, suas crenças, suas culturas materiais e imateriais — alguns buscando se manter vivos — outros lutando para que o conjunto de suas tradições e códigos culturais não sejam exterminados.

Os povos originários são os primeiros habitantes da região denominada Brasil pelos portugueses. Quando invadiram a região para tomar posse das terras, os portugueses — denominados pelos Terena como *purutuyés*, ou seja, “não indígenas” — disputavam o território com os nativos declarando guerras; outras vezes, estabeleciam alianças com alguns desses povos. Depois tentaram a dominação por meio da catequese feita pelos missionários em nome da Igreja

com o pressuposto de salvar as almas para Deus, além disso estabeleciam trocas de objetos por alimentos, instrumentos de caça entre outros.

Alguns povos originários fugiam dos missionários para regiões mais distantes do litoral brasileiro, tentando a sobrevivência de seu povo; outros se recusavam a manter contato e lutavam, mas eram massacrados pelos *purutuyés*, ocasião em que diversos grupos foram exterminados ao tentarem proteger seus territórios. Muitos dos que sobreviveram foram escravizados, sendo obrigados a trabalhar para viver.

Nesse período deixaram de professar muitas crenças, ritos culturais, deixaram de falar suas línguas maternas, as ricas peças de cerâmicas deixaram de ser produzidas, bem como materiais de caça e outros adereços para trabalharem nas pequenas roças de produtos agrícolas.

Algumas ocupações se deram de forma pacífica, com a realização de alianças, mas muitas ocorreram de forma violenta; contudo, não é possível estimar o número exato de etnias existentes quando os portugueses invadiram a região, no entanto há registros históricos que muitas vidas foram ceifadas, conforme as reflexões de (Bezerra, 2018).

Consta na Constituição Brasileira de 1988, no artigo 231, o direito à diferença e às terras pertencentes aos índios.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (Brasil, 1988).

No entanto, até o momento, não foram demarcadas todas as terras para atender os povos indígenas, muitos fazendeiros mantêm de forma violenta a sua permanência nos territórios de origem indígena, mas a luta pelos seus direitos tem sido implementada de maneira contínua pelos movimentos sociais.

3 DADOS DOS TERENA DA ALDEIA IPEGUE, AQUIDAUANA, MS

A Aldeia Ipegue foi uma das primeiras a ser demarcada em 1905, localizada a 60 km de Aquidauana e, desde esse período, os Terena vivem nessa região no estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000) os

professores da aldeia Cachoeirinha em 1995, resumiram a história da origem do Povo Terena.

Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia de sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco. Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia. Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso, pois todos esses povos deram gargalhada, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae que estavam com muito frio (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 22).

Os mais velhos da aldeia Ipegue comprovam que seus avós contavam essa mesma história sobre a origem do povo Terena para eles quando crianças, acrescentando que Oreka Yuvakae os ensinou a fazer de tudo: as suas casas de palha, a plantarem e fabricarem as armas de caça e objetos úteis. Essa é a história que todos os anciãos nos contam, pois tiveram a oportunidade de vivê-la.

Assim, para uma boa história indígena ou uma boa antropologia, o desejável é que se localizem as diversas versões ou interpretações sobre os eventos, e que eles sejam compreendidos de uma maneira em que os atores sociais, produtores dessas interpretações, tenham suas posições situadas (Silva; Silva, 2010, p. 44).

Na história do povo Terena, existem três episódios que marcaram a vida de toda a comunidade e até nos dias atuais são lembrados pelos anciãos da aldeia. Foram momentos tristes, segundo relatos dos mais velhos, tempos ruins que não querem mais que aconteça, pois foram momentos de muito sofrimento.

Para Bittencourt e Ladeira (2000), o primeiro momento desses episódios foi o dos Tempos Antigos, no qual ocorreu a saída do Êxiva, conhecido pelos *purutuyés* como Chaco. Viviam no Êxiva outros indígenas como, os Mbya Guaicurus e os Guarani. Nesse período os europeus foram atraídos pelas narrativas da existência de minas de ouro e prata.

Os Terena passaram pelo rio Paraguai até as terras do atual Estado de Mato Grosso do Sul, em um período que durou muitos anos, durante os quais foram feitas migrações e, na ocasião, ocupavam um amplo território, sobreviviam da agricultura, período em que estabeleceram alianças com os Guaicurus e os Portugueses.

O segundo momento foi a Guerra do Paraguai ocorrida no período de 1864 a 1870, da qual participaram Brasil, Paraguai e Argentina. Os Terena, assim como outros povos indígenas, também participaram desse conflito e junto com os Guaicurus se aliaram aos brasileiros para proteger seus territórios.

Lutaram e muitos indígenas morreram; os Terena tiveram a perda da maior parte de seu território, que passou a ser disputado pelos *purutuyés*, tendo em vista que os portugueses que chegaram tinham o interesse de plantar e criar gado. A partir desse período, o povo Terena assim como outros povos indígenas, tem lutado pelos seus territórios e por sua sobrevivência.

O terceiro momento apresentado por Bittencourt e Ladeira (2000) foi a delimitação das terras indígenas, iniciada com a chegada da Comissão para a construção das Linhas Telegráficas, chefiadas por Cândido Mariano da Silva Rondon. Esse meio de comunicação permaneceu até o advento da internet e aproxima cada vez mais o contato dos indígenas com os *purutuyés*, influenciando-os com mudanças na vida da comunidade.

Na Aldeia Ipegue vivem atualmente, cerca de 1.081 pessoas e segundo os anciãos o nome não era Ipegue. Na beira de um lago chamado *Vonikóe*, tinha uma figueira frondosa, onde todas as aves da região pousavam para dormir e no chão ficavam muitas penas coloridas das diversas aves que ali pernoitavam. *Ipeakaxóti*, que significa troca das penas ou renovação, foi o primeiro nome da aldeia, mas os *purutuyés* não conseguiam pronunciar aquela palavra e falavam Ipegue, que passou a ser o nome oficial — Aldeia Ipegue.

Outro nome que Aldeia recebeu foi *Varakákie* que era o nome de um extenso lago. No período de muitas chuvas a água do rio trazia muitos peixes, quando o volume das águas baixava, muitos deles ficavam empoçados e diversas pessoas vinham atraídas para pescá-los, devido ao nome do lago não diziam Aldeia Ipegue e sim *Varakákie*.

No que se refere à tradição, produzem os artesanatos como: abanicos, cestos, potes, brincos, colares, enfeites para o cabelo, pinturas corporais que,

geralmente, são feitas com a polpa do jenipapo que produz um líquido azul escuro. Esse líquido utilizado em várias camadas, aparenta ser da cor preta. Salvador destaca que o jenipapo já era utilizado para fazer pinturas muito antes deste período, o que demonstra que as tecnologias das pinturas corporais foram repassadas às novas gerações e têm sido utilizadas até os dias atuais. Em relação a esses aspectos culturais o autor enfatiza que:

[...] as mães ensinam as filhas a fiar algodão e fazer redes de fio e nastos para os cabelos, dos quais se prezam muito e os penteiam e untam de azeite de coco bravo, para que se façam compridos, grossos e negros. Nas festas se tingem todas de jenipapo, de modo que, se não é no cabelo, parecem negras de Guiné, e da mesma tinta pintam os maridos e lhes arrancam o cabelo da barba, se acerta de lhes nascer algum, e o das sobrancelhas e pestanas, com eles se têm por mui galantes [...] (Frei Vicente do Salvador, 1975 *apud* Beozzo, 1984, p. 73).

Os Terena utilizam também o urucum que é uma fruta de cor avermelhada, usada quando há festas na comunidade. A tinta preta é produzida dos resíduos de lenha e/ou capim queimados e raspados, especificamente da madeira do angico vermelho, que também produz tinta vermelha quando fervida, bem como a aroeira que produz tinta vermelha. Da madeira moreira os Terena extraem a tinta amarela, muito usada para dar forma aos desenhos. No entanto, essa madeira está praticamente extinta e não é mais usada, devido à dificuldade em encontrá-la na natureza.

Os jovens que fazem a pintura atualmente não sabem da existência dessa outra tinta, pois os mais velhos não falam sobre essa madeira, que está extinta em consequência das queimadas que os fazendeiros vizinhos à aldeia fazem e ao desmatamento. Outra madeira — que também está extinta — denominada roxinha, por ter a cor roxa, era usada para tingir os fios de algodão que serviam para tecer as redes, no entanto, no Ipegue são poucas as anciãs que sabem tecer. A roxinha era utilizada, também, para confeccionar ferramentas diversas para o trabalho.

Em 2011, o cacique era Alvisore Gonçalves, professor, mas deixou a sala de aula para cuidar dos interesses da comunidade, buscando junto ao presidente da Associação de agricultores Élcio Flores fortalecer os trabalhadores com parcerias para expandir a agricultura, contando com o apoio de acadêmicos de Engenharia

Florestal e Agroecologia da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, que contribuíram para a preservação de espécies nativas e realize um plantio que preserve o solo.

Geralmente, quem planta, são os mais velhos, pois conhecem o período certo para cada tipo de cultura. Analisam o ciclo da lua, de acordo com alguns relatos dos anciãos — que não permitiram gravações no período das entrevistas, somente conversas informais — faltando, no entanto, mais determinação dos pais para que os jovens os ajudem na plantação.

Outra problemática observada está no hábito de alguns fazendeiros de regiões próximas deixarem o rebanho bovino solto. À noite esses animais invadem as roças e comem toda a plantação, pois a Aldeia Ipegue localiza-se em uma região cercada por fazendas, cujos proprietários visam apenas expandir suas terras e aumentar seus lucros. Desconsideram a vida dessa comunidade e o meio ambiente que deve ser preservado e respeitado para garantir a sobrevivência de todos.

Vale registrar que a esse saber Cunha (2009) conceitua de saber ecológico tradicional. Para o autor é “[...] o conhecimento que populações locais têm de cada detalhe de seu entorno, do ciclo anual, das espécies animais e vegetais, dos solos, entre outros” (Cunha, 2009, p. 306).

A aldeia Ipegue possui córregos onde as crianças nadam e pescam. Cada família se preocupa em manter seu próprio pomar em casa, cultivando frutas como: goiaba, acerola, manga, jaboticaba, banana, conde, limão, laranja e tangerina. Além das frutas nativas do cerrado como: a bocaiuva, jamelão, siputá, guavira, jatobá, pitomba, araticum, entre outras.

Na comunidade do Ipegue há pessoas que são conhecedoras de ervas que curam diversas doenças. Em sua maioria são pessoas idosas, mas há aqueles que são jovens e têm conhecimento de algumas dessas ervas medicinais, pois manifestam o interesse em aprender com os guardiões da cultura Terena.

Outra figura importante são os *Koixomuneti*, conhecidos como xamãs Terena que preparam remédios com galhos, folhas, frutos e raízes das diversas plantas medicinais que são muito utilizadas para a cura de várias infecções. São eles que possuem os saberes tradicionais que precisam ser repassados às novas gerações para não serem esquecidos, pois é uma ciência tradicional que pode contribuir inclusive com o avanço da medicina alopática.

Segundo Cunha (2009), esses saberes tradicionais são importantes, pois não se trata apenas de dar valor aos resultados tradicionais pela ciência contemporânea, mas de reconhecer que os paradigmas e as práticas das ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação que podem contribuir com o cuidado da saúde de indígenas e não indígenas, por meio de estratégias etnicamente diferenciadas.

Os dois relatos que apresentamos neste texto são de duas pessoas que preferiram estabelecer um diálogo de maneira informal, considerando o que Meihy, salienta.

[...] há três modalidades da História Oral. A História Oral de Vida, caracterizada pelos estudos biográficos, centrados nos acontecimentos relacionados à vida de um indivíduo, suas experiências, identidade e memória individual; a História Oral Temática, caracterizada pelos estudos temáticos, centrados em acontecimentos relacionados às experiências, memórias e identidade de grupo/coletividades sociais; e a Tradição Oral, caracterizada pelos estudos relacionados ao conhecimento histórico transmitidos oralmente ao longo tempo pelo saber não sistematizado, pelos costumes transmitidos de geração a geração. Em especial ela se relaciona ao rico universo da cultura popular, do conhecimento não letrado como a medicina popular e as tradições folclóricas do Brasil (Meihy, 1996 *apud* Cruz, 2005, p. 8-9).

A senhora Pedroza Lipú Alfredo, de 81 anos, tem sido procurada pelas mães que levam seus filhos com problemas de saúde, por ser conhecedora de vários remédios para as crianças. Ela atende somente crianças, com simpatias para fazer a criança andar rápido, a falar corretamente, a curar quebrantos, que é: quando a criança chora o tempo todo, não tem apetite, a cabeça fica muito quente e uma parte no meio da “moleira” situada na cabeça fica mole e funda.

Orienta que existem dois tipos de quebrantos o vermelho e o preto, sempre faz umas pulseirinhas com linha vermelha, para proteger as crianças de quebrantos, que volta para a pessoa que desejou algum mal a essa criança. Também relatou que existiam vários rituais que hoje não são mais realizados como: o ritual da amizade, o ritual do pedido em casamento e o ritual quando descia a menstruação das meninas.

Outra moradora da aldeia, conhecedora de simpatias para crianças e adultos é Nilza Paiz Flores, que faz orações para as pessoas que a procuram. Ensina simpatia para as mães fazerem às suas crianças que não dormem, recomendando que peguem um pedaço de purungo, queimem uma parte e passem a parte

queimada na testa da criança, fazendo três pontos um no meio e dois no canto. Esse movimento, acalma a criança que passa a dormir tranquilamente. Esse efeito tem sido confirmado pelas pessoas que levam seus filhos para ela benzer.

Também produz colares para as crianças usarem e assim, evitar o quebranto. Utiliza tecido e linha vermelhos como a Dona Pedroza, para confeccionar um pingente em formato de um pequeno saco, onde coloca algumas ervas secas e costura. Não informou quais ervas, mas destacou que utiliza várias ervas, dependendo do tamanho da criança.

Além desses saberes e rituais de cura, na Aldeia tem um Posto de Saúde onde há 1 técnica de enfermagem, 4 agentes de saúde, todos indígenas e residentes na comunidade. Na área da comunicação, há uma rádio comunitária que divulga anúncios de eventos e notícias, seu proprietário também é morador da Aldeia Ipegue.

Assim como na maioria das comunidades indígenas de diversas etnias, há a presença de igrejas, na Aldeia Ipegue. Há 1 igreja católica e 7 igrejas evangélicas presentes no território, sendo que algumas tentam fazer os jovens deixarem suas danças, seus costumes, suas tradições, desconsiderando a riqueza da cultura indígena.

Como em quase todas as Aldeias, devido ao contato com os *purutuyés* a bebida alcoólica é uma preocupação constante de toda a comunidade. Alguns jovens que trabalham nas usinas de cana de açúcar, geralmente ficam 3 meses longe de casa e, quando voltam, gastam a maior parte do dinheiro recebido em bebidas alcoólicas, o que muitas vezes promove intrigas entre os indígenas, tornando-se um problema sério que deve ser acompanhado pela liderança.

A única instituição escolar da Aldeia é a Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, onde funcionam o Ensino Fundamental e a EJA, contando com professores habilitados no quadro efetivo e alguns contratados. Possui aproximadamente 218 estudantes, sendo 200 no Ensino Fundamental e 18 na EJA e apresenta em sua estrutura curricular 2 disciplinas muito valorizadas a Arte e Cultura Terena e a Língua Terena.

Em sua quadra de esportes são realizados alguns eventos como a abertura do Campeonato de Futebol Indígena da Aldeia Ipegue. Todos os anos, no mês de dezembro, ocorre esse campeonato, na modalidade masculina que, geralmente, se inicia no dia 10 com encerramento no dia 31 de dezembro.

Os jogos acontecem todos os dias, são 14 times participantes, sendo 1 da Aldeia Colônia Nova e 13 da Aldeia Ipegue. Os vencedores são premiados com dinheiro e troféus do 1º até o 4º lugar. Os recursos são arrecadados pelos presidentes dos times locais, não havendo nenhuma ajuda financeira da prefeitura ou do cacique, quem organiza e promove esse evento tradicional são os presidentes. Também acontece a competição de beleza com a escolha da Musa do Campeonato Indígena, cada time tem a sua candidata, que desfila com roupas de esporte do time e vestuários indígenas.

4 ORIGEM DAS DANÇAS TERENA KIPAÉ'XOTI E SIPUTERÊNA, IPEGUE, AQUIDAUANA

Neste subitem apresentamos as histórias contadas pelos anciãos da aldeia, sobre o surgimento das danças Kipaé'xoti e Siputerêna. Para tanto, realizamos entrevistas com os mais velhos e com alguns estudantes que fazem parte dessas danças, recorrendo ao método da história oral, a fim de identificar como as crianças e a comunidade em geral vivenciam a cultura.

Vale destacar que a primeira autora deste artigo é Terena e moradora da Aldeia Ipegue, muitas fontes foram produzidas ao longo do tempo de acordo com a convivência que tem com os entrevistados. Há também uso da língua Terena nos relatos dos anciãos que foram transcritos para as línguas Terena e Portuguesa.

4.1 Dança Kipaé' Xoti ou Dança da Ema

Segundo o relato do Professor da disciplina de Arte, Cultura e Língua Terena da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, Jonas Gomes que lecionava na escola no período da pesquisa, a origem da dança Kipaé pode ser explicada por meio de uma lenda. As conversas com Jonas Gomes foram realizadas na escola, no período em que a primeira autora atuou como estagiária e estabeleceu um diálogo com o referido professor, considerado um dos mais antigos da escola. Aposentado, grande estudioso da língua Terena na modalidade oral e escrita, ele nos relata que

[...] conta a lenda que todos os anos, nos meses de junho até meados de agosto aparecia no céu uma constelação com o formato de uma grande ema. Os indígenas acreditavam que a ema poderia descer do céu e teriam muito que isto acontecesse, pois pensavam que se ela descesse iria comer

todos eles. Então, por indicação dos pajés ou xamãs, todos os homens da aldeia se vestiam com as penas das emas e começavam a dançar em volta de uma fogueira, para afastar a grande ema da terra e, fazendo esse ritual, acreditavam que a mantinham afastada. Quando as estrelas com o desenho da ema sumiam, eles agradeciam e guardavam os vestuários (Relato de Prof. Jonas Gomes, 2011).

De acordo com Silva e Silva (2010), aspectos da localidade e da etnia são fatores importantes a serem contemplados nesta narrativa, pois

[..] o local de onde alguém fala, o grupo étnico ao qual pertence, a correlação de forças que ele enfrenta são variáveis importantes a serem contempladas em um estudo, seja em um trabalho de campo antropológico ou em uma pesquisa de história indígena com fontes orais (Silva; Silva, 2010, p. 44).

Outro relato que produzimos refere-se à dança Kipaé'xoti, que surgiu ao término da Guerra do Paraguai, quando todos estavam felizes, comemorando o fim de um período triste, marcado por acontecimentos trágicos. Felizes com o acontecimento, dois caciques se juntaram e formaram 2 filas e um perguntou para o outro, nós vamos brigar e o outro respondeu, não, nós vamos dançar e gritaram Honoyô anunciando o começo da dança.

Essa é uma dança encenada em pares. Quanto mais pares houver — segundo os líderes da dança — fica melhor para dançar, os movimentos ficam mais nítidos, pois iniciam-se com passos lentos. O líder de cada fila comanda seu grupo, que muda seus passos e inclina o corpo para baixo como se estivessem sondando o inimigo para esperar o momento certo do ataque. Mudam esses passos de acordo com a batida do bombo que vai aumentando o ritmo para ir cada vez mais rápido.

Pelo sinal de um dos líderes que grita *Honoyô*, começam a dançar, inclinam a cabeça de um lado para o outro e o corpo acompanha esse movimento de cabeça. A música também muda, pois quando começam a dança, o som do pife acompanha o ritmo do som do pepêke.

O pepêke significa bombo, uma espécie de tambor, coberto nos dois lados por couro de veado que produz o som. Era tocado pelo senhor Rozendo Alfredo (*in memorian*), que por muito tempo participou desta dança. O pife é uma espécie de flauta que, geralmente, é feita de bambu e produz som parecido com o da flauta. Na época da pesquisa, quem tocava esse instrumento é o senhor Justo Vicente que se apresentava em todas as festividades da semana dos povos indígena e em

outros eventos que acontecem no decorrer de cada ano na comunidade.

Seguem dançando com a lança que é uma taquara ou taboca pintada com traços indígenas; os dois grupos batem uma lança na outra, produzindo um som uniforme e se separam. Em seguida fazem uma volta, organizando uma roda e batendo uma lança na outra. Na sequência, desfazem a roda e voltam com a lança cruzada uma na outra.

Os participantes se dividem, formam uma roda e trocam de pares para bater novamente as lanças. Mas sempre trocando de par até chegarem ao seu parceiro novamente e voltam à fila inicial o que representa a luta com o adversário. Deixam a lança e pegam o arco e a flecha que ficam presos nas costas, dividem-se em 2 grupos e dançam, mirando a flecha de um lado para o outro como se estivessem perseguindo o adversário, para então acertar a flecha e derrotar o inimigo. Seus movimentos são rápidos, quando um cacique vira para frente dos músicos da dança, o outro vira para trás, ficam trocando de pares até formar uma roda e continuam trocando até voltar ao seu parceiro de dança.

Ao término dessa parte voltam para pegar a lança e dançam, fechando uma roda, com todos encaixando as lanças para dar suporte a um dos caciques, que fica fora da roda, dançando ao redor dela, rodando a lança e após sobe nas lanças cruzadas; os demais erguem o cacique que levanta a lança em cima e grita, significando que a luta acabou e foram vencedores da batalha.

Os 2 caciques do lado vermelho e azul sobem nas lanças. Na atualidade é notável a participação de crianças e adultos, pois, geralmente, são organizadas 2 rodas: uma dos adultos, e outra das crianças e os caciques mirins também anunciam a vitória gritando.

Geralmente o cacique do lado vermelho é jovem e do lado azul é um ancião, representando que o conhecimento do cacique, líder da dança está sendo repassado aos mais jovens, como uma maneira de continuar com a tradição da dança kipaé'xoti. Para essa dança usam uma saia, elaborada com penas de emas que são fixadas em uma linha até o tamanho ideal, sendo amarradas na cintura. O cocar geralmente é feito com penas de emas, mas além desses há alguns confeccionados de penas de araras, de papagaios, corujas e de outras aves.

Encontram-se, também, saias e cocares feitos de buriti — uma planta cujas folhas grandes se parecem com as folhas de carandá — planta utilizada para fazer

abanicos, cestas e outros objetos. Geralmente se encontram muitos vestuários feitos de buriti na Aldeia Limão Verde cujos indígenas também são do grupo Terena.

Outra planta usada para fazer vestuários e cocar é a madeira do bacuri que produz frutas parecidas com a bocaiuva — fruta doce e muito apreciada pelas crianças. A madeira é cortada e colocada ao sol para secar, depois é batida muitas vezes até ficar em formato de muitas linhas, que são fiadas e amarradas até formarem uma saia.

Os dois grupos são enfeitados de cores diferentes, sendo um azul e outro vermelho. O azul, segundo relatos dos anciãos, é Xumonô que representa os pajés e o vermelho é o Sukirikiono representando os guerreiros, como demonstram as duas fotos abaixo:

Figura 1 – Cacique do lado Azul



Fonte: acervo das autoras.

Figura 2 – Cacique do lado Vermelho



Fonte: acervo das autoras.

As pinturas corporais são feitas com o urucum, uma fruta que tem as sementes vermelhas. Para o preparo da tinta, as sementes são amassadas, resultando em um líquido vermelho que, passado no corpo, em linhas curvilíneas, formam um desenho. Outra fruta é o jenipapo, também usado nas pinturas, sendo a fruta cortada ao meio e deixada ao sol até escurecer a polpa, que fica da cor azul mais concentrada, parecida com o preto.

Outra forma de obter a tinta é ralar a fruta, peneirando seu suco. Esse processo mancha as mãos de quem trabalha nessa função, pois na hora de ralar a tinta se fixa na pele e, geralmente, permanece por 15 dias. Também pode se obter a cor preta por meio das lenhas queimadas e a tinta branca que se obtém das cinzas que são molhadas e passadas no corpo, ficando brancas ao secar.

O professor Jonas Gomes, explica que a cor vermelha nas pinturas representa o sangue derramado na época da guerra do Paraguai, o preto significa o luto, a tristeza pelos que morreram lutando para salvar a vida dos indígenas e o branco representa a paz depois da guerra, a busca pela harmonia, pelo desejo de paz.

Algumas vezes é usada a tinta guache nas pinturas corporais, quando não é a época do urucum e do jenipapo, mas há pessoas que guardam as tintas naturais das frutas para usá-las nas pinturas, no entanto essas não duram muito tempo. A seguir, apresentamos as entrevistas que fizemos com os colaboradores da pesquisa buscando registrar os diferentes aspectos das danças.

O senhor Hélio Flores (*in memorian*), no período da pesquisa em 2011, tinha 78 anos, era cacique da dança Kipaé'xoti desde menino e nos relatou que muitas mudanças ocorreram com o passar dos anos, tanto no modo de dançar, como nas pinturas corporais. Relatou ainda que antes eram todas iguais de uma fila a outra, assim como os vestuários, com as penas volumosas dando mais aparência, tendo em vista que os participantes dançavam com mais entusiasmo, realizando movimentos mais vigorosos com corpo.

Solicitamos que ele falasse sobre o surgimento da dança Kipaé'xoti, o significado dos movimentos e se houve mudanças no modo de dançar, nos vestuários e nas pinturas corporais. Ele considera importante o conhecimento sobre a história da dança, mas não permitiu fazermos as gravações, apenas fotos e nos respondeu na língua Terena, embora fale e compreenda bem a língua portuguesa.

Oko'íkone nduríxeovo nzíyokéxea, koêko ivánvangea ne hiyokéxoti ehame enjoa mekúne apéyara hiyokénati, kóyekune nzíyokéxea, ovoíngo yâyeke, ápe haxákovoku hahá'iti harará'iti, yoko hopú'iti enepo haxakóvone aniko hókone homóxeavo, motovâti kutikóko kó'oya, yanê'e pí'a kóhireovoku harará'iti yoko hononó'iti usonê'e okotíne ókokuxe, kó'oyene ákone ákoeneye, enepora kolivónohiko koêkuti kixoaku homóxeovo, akóne panápu, itea ako akoéneye hara úhekea enepo kutikoko koeti homóxeovo, takíku yoko hevékuke, ako éxakana nzá'a kixoku turíxeovo ra hiyokénati, kónoko véxea kó'oyene koati nókone vexea kixó'eko ra hiyokénati, ya mekúke, ako exoâti kíxone ra hiyokénati (Relato de Flores, 2011).

Traduzido pelo professor Jonas Gomes

Eu comecei dançando muito cedo, via os outros e fui aprendendo, faz tempo que tem a dança, eu sempre dancei quando tava aqui, fica uma pessoa lá por

exemplo tem preto, vermelho e branco, que é aqui, ali cada um tem a sua pinta, fica lá se é vermelho ou azul, que é aqui, fica lá se é vermelho vem pra cá se é azul. Se tá pronto cada um vai no seu lugar, agora não a criançada já vai, pinta do jeito que quer, mais não é assim fica bonito quando é bem pintado tudo igual, no braço e na perna. Meus pais não falavam nada do começo da dança, é bom saber hoje em dia, precisa saber por que dança, antigamente ninguém sabia por que dançava (Relato de Flores, 2011).

O entrevistado relata que os desenhos eram os mesmos nos dois grupos, feitos com três riscos um de cada cor, preto, vermelho e branco, bem como o desenho nas lanças, nos arcos e flechas eram iguais. O que não ocorre atualmente, onde há muitas diferenças nas pinturas corporais, nos cocares e nas pinturas dos arcos, flechas e lanças.

Atualmente, na aldeia Ipegue, alguns jovens e crianças manifestam desinteresse em dançar. De acordo com relatos dos participantes da pesquisa, não dançam porque sentem vergonha de dançar e outros devido à falta dos vestuários, pois as penas de ema estão cada vez mais difíceis de ser encontradas. Além disso, ainda há aqueles que negam a identidade étnica por medo, talvez do preconceito, pois temem passar por situações de discriminação e/ou que já tenham sofrido.

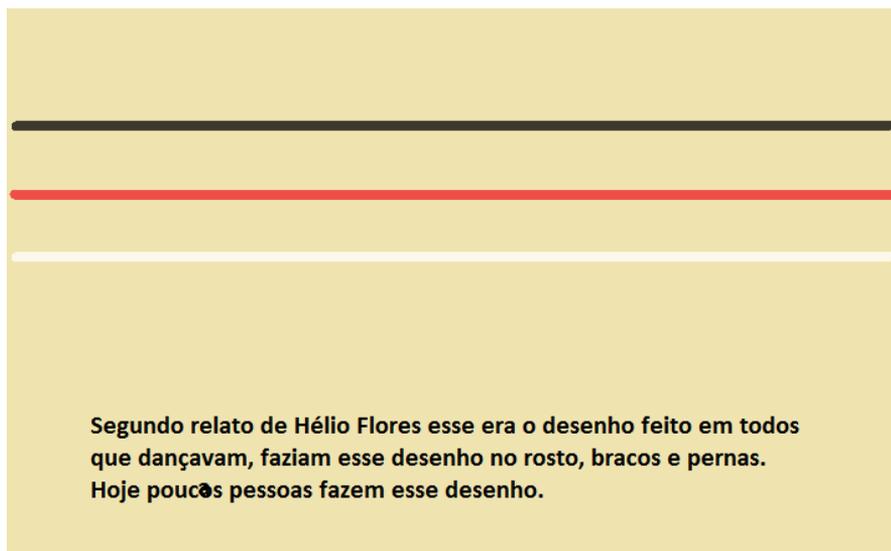
Essas dificuldades estão sendo debatidas entre as lideranças para conscientizar as famílias de que é importante os jovens dançarem, para manter viva a cultura. Para isso, necessitam do apoio dos pais, professores e da comunidade em geral.

Figura 3 – Leonardo Flores e Hélio Flores



Fonte: acervo das autoras.

Figura 4 – Desenho para rosto, braços e pernas – Caciques da dança



Fonte: acervo das autoras.

Leonardo Flores — que na época em que foi entrevistado estava com 12 anos — em 2011 era cacique dos mirins, neto de Hélio Flores, um exemplo da cultura passada para a nova geração. Destaca que a dança é um importante fator de expressão cultural e que precisa ser preservada. Não fala a língua Terena, mas tem vontade de aprender e reclama que o ensino da língua materna na escola é fragmentado. Ao ser perguntado sobre a origem da dança, de como aprendeu a dançar, a sua compreensão dos significados dos passos, se valoriza o ensino da dança e da língua materna. Respondendo assim,

[...] acho importante a gente saber da origem da nossa dança, quero aprender sobre a história, só ensinam a dançar e pronto, nem os significados dos passos eu sabia. Os que não querem dançar tem vergonha não sei por que, eu gosto de dançar, os meninos que não dançam não querem aprender, querem ficar a toa, é muito importante aprender a língua Terena também, o ensino que tem na escola é muito fraco, aprende muito pouco, falta um professor de verdade (Relato de Flores, 2011).

A maioria das crianças da Aldeia Ipegue não fala a língua Terena e, segundo muitos relatos, isso é devido às dificuldades que os estudantes têm em aprender a língua portuguesa. Não conseguiam ler, nem escrever, as reprovações eram constantes e muitos pais optaram por não mais ensinar a língua Terena; falavam somente em Português com seus filhos, para que as crianças pudessem ter sucesso na aprendizagem escolar e não reprovassem.

Isso resultou na diminuição, cada vez mais crescente, de falantes da língua Terena e tem gerado desconforto para a maioria das pessoas que não são falantes, pois nas aldeias próximas a maioria da população é falante do Terena e os moradores comentam que os Ipeguianos sentem vergonha de serem indígenas, por não falarem a língua. Infelizmente, nem os pais, nem os avós falam em Terena com as crianças, conversam na língua somente entre si. No entanto, os idosos se comunicam em Terena com outros idosos.

Valdeir Salustiano destaca que é importante preservar a tradição, interessou-se em aprender a tocar o Pife e ensaiou muito até conseguir o som adequado. Hoje, toca pife nas apresentações juvenis da dança kipaé'xoti e tem muito interesse em aprender a falar a língua Terena. Solicitamos que ele explicasse como ele aprendeu a tocar o pife, se gosta de tocar, se valoriza o ensino da dança e a língua Terena. Salustiano afirma que

[...] gosta de tocar pife porque eu vi o Justo tocando e eu queria aprender a tocar esse pife que ele tocava e eu fiquei olhando ele tocando no dia 19 de abril, e eu gostei tanto, e eu olhei e eu comprei um pife que eu fiquei tocando na minha casa, desde quando dez anos eu comecei a toca esse pife, eu fiquei ensaiando, ensaiando, até que eu aprendi a toca e eu mostrei pro meu vô Leandro e também ele gostou, também e ele que queria que eu dançasse né, mais eu queria aprende a toca, eu não via ninguém tocando então eu falei vou aprende, mais depois eu aprendi, queria aprende a origem da dança e toda a minha família fala Terena mais eu só entendo e eu queria aprende a falar (Relato de Salustiano, 2011).

Assim como o jovem Valdeir, na Aldeia Ipegue outros jovens se interessam em aprender a falar a língua Terena, porém muitos pais afirmam que não têm paciência de ficar ensinando seus filhos, pois falam uma vez e querem que aprendam rapidamente. A maneira como se fala o Português é diferente da maneira que se fala em Terena, pois as palavras são faladas rapidamente e algumas crianças falam a palavra certa em Terena, mas de maneira mais lenta e se entende outro significado, tendo em vista que, dependendo do ritmo que se pronuncia em Terena, pode gerar diferentes significados.

Essa é uma das dificuldades encontradas pelas pessoas que desejam aprender a falar a língua, pois o ensino do Terena deveria ser inserido na disciplina da Língua Terena de uma maneira mais complexa, com conteúdo que valorize mais a compreensão e o ritmo na pronuncia das palavras, com um professor que falasse em sala somente essa língua.

Assim, os pais teriam mais interesse que seus filhos aprendessem a língua Terena e a liderança local por meio de reuniões, pode conscientizá-los da importância em se falar Terena, pois faz parte da cultura indígena e a comunidade em geral pode contribuir para que todos aprendam a falar mantendo assim, vivo o ensino da língua materna.

4.2 Dança Siputerêna, Dança das Mulheres

A dança da Siputerêna não é de origem Terena e significa “com as mãos na cintura”. Foi trazida para a Aldeia Ipegue pelo Sr. Nelson Francisco já falecido, quando foi trabalhar no Amazonas no início de 1973. Nesse período, assistiu a apresentação da dança pelas mulheres xavantes e considerou-a muito interessante.

Quando chegou à aldeia do Bananal, onde morava, reuniu as mulheres e comentou sobre a dança que havia conhecido. Assim, decidiu ensiná-las a dançar, pois as festividades indígenas estavam próximas, e então, ensinou-as pelo período de um mês. Sr. Nelson teve quatro esposas e muitos filhos.

Sua filha, Edena Francisco Paiz, da etnia Terena, a quem foi perguntado sobre como foi o processo utilizado pelo Sr. Nelson para ensinar-lhes a dança, preparação dos vestuários e pinturas corporais, nos respondeu em Terena:

Piho nza'a kó'ítkeya ya Amazonake avíaum veko, pohúxovoti ako ómome, enepone ênoum ako ava xokóyoke ako ama po'í sêno, yanekóyoke terêze kó'iko njónaena, undiiko sêno kalivôno, kayukópovo yupíhovo kahá'aya ihi kaxea hiyokena ûti, énemono ítukinoa ípovo ne hiyokéxoti, énomone maka ítukinoa homo koxé'uke mbuyái kovako koêku ne homo, oko tôpi kíxoaku homóxea, itea mopo'áxo kó'oyeovoku honono'íti, hopú'iti yoko harará'íti, kaxénake ûti híyokexeahiko po'ike xoénae iná nziyokéxo, koêku óvea yákono híko poikoeuti ákoti níkeaku kuteâti hepipínoeti (Relato de Paiz, 2011).

Traduzido para o português pelo professor Jonas Gomes.

Meu pai foi trabalhar lá no Amazonas ele foi de avião, foi sozinho não levou ninguém, a minha mãe estava separada dele e não levou a outra mulher, eu tinha mais ou menos 13 anos na época, lembro que eu ainda era menina e quando ele voltou veio animado para ensinar as mulheres a dançar, ele mesmo fez as roupas delas e fez também as pinturas no corpo delas lembro ainda um pouco como era o desenho, era cheio de traços e usava três cores o azul, branco e o vermelho, pintando-as nas roupas e no corpo. Elas apresentaram no dia do índio eu dancei só no outro ano, foi lá que ele aprendeu a comer algumas coisas esquisitas como o escorpião (Relato de Paiz, 2011).

Figuras 5 e 6 – Desenhos usados nas roupas



Fonte: acervo das autoras.

Zenir Valério Felipe Rodrigues, atualmente com 81 anos, mora em Dourados e era esposa do Sr. Nelson na época em que este foi para o Amazonas. Segundo seu relato, passado para a primeira autora, ele foi junto com mais 5 lideranças indígenas, devido às divergências que tiveram com o chefe do Posto da Funai, que era a maior autoridade na aldeia nesse período.

Todos foram enviados a aldeias diferentes, para que não mantivessem contato entre si e não pudessem manipular os outros indígenas, que era o que temia a Funai. Relata que ele ficou muitos meses longe de casa, foi até a aldeia dos Xavante e quando retornou ensinou a dança às mulheres da aldeia e também a realização das pinturas no corpo e nos vestuários que seguiam o mesmo padrão. Zenir conclui que atualmente a preparação é diferente daquela época.

A música escolhida para a dança das mulheres foi tocada pela primeira vez pelos Terena, que a utilizaram para a dança Siputerêna, com as batidas do pepé'eké e o som do pife. Desse modo, as músicas tocadas para a encenação das danças Kipaé'xoti e Siputerêna se diferenciam.

As anciãs da Aldeia Ipegue relatam que antes elas já dançavam, mas não da forma como as mulheres dançam hoje. Dançavam e cantavam sozinhas, quando ficavam felizes com a chegada de alguém muito querido, como quando os filhos ou netos chegavam do quartel ou em momentos tristes, quando ficavam preocupadas com alguma coisa. Dançavam e cantavam também para chover, garantir fartura, boa colheita e principalmente nas festas de casamento, eventos da comunidade, aniversário e outras cerimônias.

Atualmente, há poucas senhoras que cantam e dançam sozinhas, geralmente as que cantam são alegres, acolhedoras e muito sábias, mas por falta de motivação dos jovens esse conhecimento não está sendo repassado às novas gerações. Esse aspecto pode colocar em risco a continuidade desta tradição, ficando somente na memória, nas gravações ou nos vídeos que algumas pessoas registram.

A dança Siputerêna também é encenada em dupla. Constitui-se de 2 grupos com a mesma pintura, vestuários e muitos adereços, como colares, brincos, cocares, pulseiras. Iniciam a dança fazendo movimentos, caminhando com as mãos na cintura e inclinando o corpo para baixo, em seguida se cumprimentam pegando as mãos, depois fazem uma grande roda, na qual apenas algumas vão ao centro, geralmente as mais experientes, sempre em dupla.

Uma vem de um lado e a outra do lado oposto, chegam ao centro, dão as mãos, ficam fazendo movimentos com o corpo e com os pés, mudando para frente e para trás, viram de costas, mas não soltam as mãos; depois, voltam ao seu lugar. Quando as duplas acabam, voltam para duas colunas e saem dançando e se despedindo acenando com as mãos. Esse movimento de despedida não existia e, segundo as mais idosas, foi inserido para simbolizar o término da dança.

Figura 7 – Anciãs e jovens que participam da dança



Fonte: acervo das autoras.

Figura 8 – Crianças Terena: futuro da dança



Fonte: acervo das autoras.

Geralmente usam saias e blusas feitas de juta – um tecido meio grosso da cor bege – com pinturas nas cores branco, preto e vermelho. As cores têm o mesmo significado da dança Kipaé xoti, algumas fazem as saias e blusas com penas de araras, papagaios e outras aves, havendo ainda as que preferem fazer o vestuário de buriti e/ou de bacuri. Para fazer a vestimenta utilizam o mesmo processo que foi descrito acima, quando fazem as saias dos homens, também fazem os vestuários com sementes coloridas.

A maioria das crianças privilegia o aprendizado das danças dos homens e das mulheres. A comunidade participa ativamente dos ensaios nos eventos em que são apresentadas as danças. Fazem apresentações em jogos dos povos indígenas em nível nacional e nas apresentações da dança Kipaé'xoti, colocam fogo na ponta das lanças, considerando que a abertura desses eventos ocorre à noite.

Os pais incentivam seus filhos a aprenderem a dançar, pois é de extrema importância para a manutenção da tradição, o que falta é somente o incentivo ao aprendizado da Língua Terena, pelos pais e pela comunidade escolar.

4.3 A EMI Feliciano Pio e o Ensino da Dança

A Escola Feliciano Pio tem buscado estabelecer uma política de Educação Escolar Indígena voltada para a ação intercultural, bilíngue, específica e diferenciada, visando desenvolver junto à Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana, um programa de formação continuada dos Professores indígenas, que assegure os processos próprios de aprendizagem da escrita em Língua Terena e a aprendizagem em Língua Portuguesa.

Desse modo, busca garantir a alfabetização na Língua Terena, por meio da Educação Infantil fundamentada em teorias educacionais e de aprendizagem que considerem a complexidade da construção da escrita em contexto bilíngue. Oportuniza, portanto o aprendizado da língua Terena em todas as séries conforme preceituam as legislações vigentes (Constituição Federal, art. 210, Parágrafo 2º, Constituição Estadual, art. 251; LDB, art. 32, parágrafo 3º, Deliberação CEE/MS nº 4324/1995). Desse modo, é possível implantar a médio e longo prazo uma prática educativa com as características dos estudantes indígenas que respeite os processos próprios de aprendizagem e a manutenção da sua história e cultura.

Os professores indígenas residem na Aldeia Ipegue e em sua maioria possuem formação em Pedagogia e alguns têm a formação no Magistério Indígena, ofertado por módulos. Entretanto, o tempo de formação tem diminuído cada vez mais, com os estudos realizados no período de férias. Os que lecionam as disciplinas de Língua Terena, Arte e Cultura Terena, embora sejam professores indígenas não falam a língua materna constantemente em sala de aula o que fragmenta a qualidade do ensino ofertado, visto que a maioria dos estudantes também não falam a língua Terena, prejudicando assim o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Essas duas disciplinas foram inseridas no currículo escolar a partir da regulamentação que normatiza o ensino nas escolas indígenas. Tassinari analisa um desses cursos de formação continuada para professores indígenas, ofertado por módulos com a finalidade de implementar a educação escolar indígena.

Reúnem-se jovens índios de diversas etnias em um mesmo espaço, geralmente diferentes de suas aldeias, onde recebem informações num ritmo acelerado por um breve período de tempo, os tão falados ‘módulos’. Esses são alguns exemplos de ‘zonas interdidadas’ ao contato interétnico decorrentes dos próprios mecanismos que visam promover a ‘escola indígena’ (Tassinari, 2001, p. 67).

Nesse contexto, o ensino da dança indígena, tanto para homens como para mulheres, está inserido na disciplina de Arte e Cultura Terena. O planejamento é conduzido pelos professores, com conteúdo diversificado, que incluem a arte de pescar com o Xumêno — parecido com um cone — e serve para pegar os peixes na época da seca. Trabalhar na construção de casas, organizando a madeira necessária, folhas para fazer a cobertura como a palha ou capim sapé que eram muito utilizados e atualmente, são difíceis de ser encontrados.

Faz parte também da disciplina, a arte da caça, as armadilhas usadas para capturar animais, a confecção de arco, flecha e lanças. Há ainda o ensino da arte de plantar, conforme as fases da lua, para diversos alimentos.

Desta forma, entendemos que há uma ausência em relação à história da origem das danças, tendo em vista que são ensinadas somente na semana dos povos indígenas, sem repassar aos estudantes as finalidades do ensino dessas danças. As crianças dançam por gostarem de dançar, sem o conhecimento histórico necessário para apreenderem o significado das danças, fator esse de extrema importância para a compreensão e a socialização do ensino da Cultura Terena.

Segundo Maher (2006)

Registrar os conhecimentos tradicionais indígenas, i.e., tornar-se “guardião da herança cultural” de seu povo, além de ser considerado parte integrante da atividade do docente indígena, constitui-se, hoje, em uma de suas funções mais importantes (Maher, 2006, p. 27).

Já na disciplina de Cultura Terena, os professores devem fazer pesquisas, que desvelem aos estudantes o conhecimento da história e as manifestações dessa cultura, enfatizando que o interesse deve ser maior por parte dos professores, pois é a cultura de seu povo e precisam ter domínio e conhecimento deste conteúdo. Como destaca Maher,

Em primeiro lugar, é importante atentar para o fato de que, enquanto cabe ao professor não-índio formar seus alunos como cidadãos brasileiros plenos,

é responsabilidade do professor indígena não apenas preparar as crianças, os jovens e os adultos, sob sua responsabilidade, para conhecerem e exercitarem seus direitos e deveres no interior da sociedade brasileira, mas também garantir que seus alunos continuem exercendo amplamente sua cidadania no interior da sociedade indígena ao qual pertencem (Maher, 2006, p. 25).

A escola está presente na maioria das comunidades indígenas e várias questões estão sendo debatidas para o aprimoramento de uma educação diferenciada, que contemple alguns aspectos próprios de organização da cultura, respeitando e valorizando seus conhecimentos tradicionais.

Há, ainda, um longo caminho a ser percorrido para que as escolas indígenas sejam respeitadas e beneficiadas por sua inclusão nos sistemas de ensino do país. Para que isto ocorra de forma a se configurar num sinal positivo, que evidencie a valorização da diversidade étnica e abra espaços para o exercício de um diálogo verdadeiro e tolerante entre índios e não-índios, entre a escola indígena e a escola não-indígena, entre políticas públicas gerais e práticas culturais específicas, é necessário superar impasses e obstáculos, e criar aberturas legais burocráticas e administrativas que possibilitem o exercício da criatividade e da inovação, ampliando o sentido para a escola em áreas indígenas, mais afinado com o momento atual, onde a escola ganha um significado especial porque é hoje uma reivindicação de muitas comunidades indígenas (Grupioni, 2000, p. 119-120).

Geralmente, as apresentações das danças são realizadas na escola em dia anterior à festa da comunidade. As crianças se apresentam primeiro na escola e se juntam aos adultos no dia dos Povos Indígenas, na festa que é realizada na sede do Posto Indígena. Essa data é comemorada como manifestação de alegria pelas vitórias que foram alcançadas, pelo agradecimento aos antepassados que por meio de lutas que garantiram a sobrevivência da geração que hoje existe, buscando reconhecimento e respeito diante da nação.

É preciso ensinar as crianças brasileiras, desde a mais tenra idade, que o Brasil tinha donos quando os europeus chegaram! É da maior importância esclarecer que houve um projeto europeu, em nada pacífico, de conquista e que os povos indígenas aqui lotados perderam essa guerra. Insisto: é fundamental que se diga, sem meias palavras, que os portugueses invadiram, ocuparam à força, as terras desses povos. E mais, é preciso compreender, que essa guerra ainda não terminou: o projeto de ocupação das terras indígenas continua em curso ainda hoje (Maher, 2006, p. 13).

A educação brasileira desconsidera a cultura e história a respeito da existência dos povos indígenas. Assim, é preciso ensinar o que ocorreu, realmente, em 1500, quando os europeus chegaram para que os estudantes saibam que existem diversos povos indígenas, com culturas diferentes e ricas tradições. Essa história promove o interesse dos estudantes em conhecer os indígenas, possibilitando, assim, que constitua maior igualdade entre as pessoas. Vale ressaltar que maioria dos livros didáticos apresenta pouquíssimas informações sobre os indígenas e, mesmo assim, de maneira fragmentada.

As crianças têm seu primeiro contato com a dança na festa da comunidade ou em apresentações para alguns eventos importantes, pois seus pais geralmente dançam neste dia. Aprendem a fazer diversos artesanatos, como colares, brincos, arcos e flechas, além de outros que são mais difíceis, como abanicos, cerâmica, cestos de carandá e os que são ensinados pelos anciãos a quem tem interesse de aprender. Maciel e Silva descrevem que grupos indígenas agregar saberes, tendo ou não acesso à escola.

Importante reafirmar que mesmo antes da introdução de instituições escolares em terras indígenas, esses grupos têm desenvolvido complexos sistemas de saberes, independentemente de terem acesso a educação formal (Maciel; Silva, 2009, p. 207).

Esses saberes da dança dos Terena se evidenciam nas fotos das crianças que dançam na festa da comunidade e na escola. Quando ficam maiores, entram na escola para terem acesso à educação formal, embora já tivessem adquirido o aprendizado da dança, por meio da educação tradicional indígena.

Figura 9 e 10 – Crianças Terena: futuro da dança



Fonte: acervo das autoras.

Nas festas de casamento, há apresentações da Dança Kipaé'xoti dos jovens Terena, que foram iniciadas há pouco mais de uma década.

Outro exemplo da complexidade do sistema cultural identificado na pesquisa ocorreu em 2011 com a primeira eleição para direção da escola na Aldeia Ipegue. Na ocasião concorreram duas candidatas indígenas, cada uma tendo apoio de um político não indígena, gerando assim disputas internas dentro da aldeia. Essas disputas políticas acabaram gerando divisões internas na comunidade, com impasses que prejudicam o andamento da educação escolar indígena na aldeia.

Ainda na esteira dos complexos sistemas de saberes, apontados Maciel e Silva (1999) na escola Feliciano Pio, havia uma estudante indígena com dificuldades de aprendizado na língua portuguesa, devido ao fato de ser falante da língua Terena. A menina, na época com 9 anos de idade, revelou que alguns colegas zombavam dela por não falar corretamente o Português. Diante dessa situação, a direção da escola realizou um trabalho para que os colegas de sala pudessem valorizar a sua língua materna, visto que também são estudantes indígenas.

Esses aspectos evidenciam que a presença de escolas nos territórios indígenas muitas vezes pode gerar inúmeras adversidades, em razão que cada povo adota em sua cultura costumes, crenças e língua diferenciados.

A diversidade encontrada em terras sul-mato-grossenses revela distintas situações vivenciadas por cada uma das etnias no que se refere à presença de escolas nas aldeias. Cada um dos grupos étnicos, portanto, vivência/

vivenciou uma situação particular e específica no tocante à educação escolar (Maciel; Silva, 2009, p. 211).

A escola presente nas aldeias hoje é vista pelos indígenas como forma de abrir novas possibilidades, principalmente aos jovens para que possam buscar seus direitos como uma educação que privilegie aspectos da cultura indígena e também conhecimentos da sociedade não indígena.

De algo historicamente imposto, a escola passou a ser tomada e depois reivindicada por comunidades indígenas, que pressentiram nela a possibilidade de construção de novos caminhos para se relacionarem e se posicionarem frente aos representantes da sociedade envolvente, com a qual estão cada vez mais em contato. Novos modelos de escola indígena estão surgindo, pautados por paradigmas de respeito ao pluralismo cultural e de valorização das identidades étnicas (Grupioni, 2006, p. 45).

A educação escolar indígena se constitui de elementos da sociedade indígena e não indígena. Desta forma, o estudo das culturas indígenas é necessário para aprimorar a educação, estabelecendo critérios que priorizem as especificidades da história e da cultura de cada povo.

O estudo das relações interétnicas no Brasil, seja através da história oral, seja através da história registrada através da memória da documentação escrita, deve ser incentivado, uma vez que permitirá que os brasileiros possam compreender melhor a história de índios e não índios. Pesquisadores nacionais precisam, portanto, incorporar em seu horizonte de interesses, os estudos e pesquisas de história indígena (Silva; Silva, 2010, p. 47).

Os resultados dessa pesquisa são relevantes, pois descrevem os elementos das danças Kipaé'xoti e Siputrena sobre as quais, até o presente momento, poucas pessoas têm conhecimento, tendo em vista que, a sua divulgação no contexto escolar. Desse modo, os estudantes indígenas e não indígenas passam a ter acesso à origem dessas danças e as transmitem à própria comunidade da Aldeia Ipegue. Assim, os pais e, principalmente, os professores poderão trabalhar esses conhecimentos junto a esses estudantes, mantendo as raízes da cultura Terena vivas na escola, bem como em suas trajetórias de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto buscou apresentar o processo de ensino e aprendizagem das danças Terena no contexto cultural da Aldeia Ipegue. Foi possível identificar que esse ensino é realizado por membros dessa comunidade indígena e da instituição escolar. Antes era vista como algo imposto pela sociedade não indígena, atualmente pode auxiliar para que os conhecimentos da cultura Terena sejam debatidos com os estudantes. Desta forma, as crianças a adquirem a consciência do quanto é importante valorizar as tradições das danças de homens e mulheres, nas unidades didáticas de Língua, Arte e Cultura Terena.

A comunidade em geral prioriza o ensino das danças, porém não oportuniza momentos aos jovens para conhecerem a história, a origem dessas danças e seus respectivos significados. A escola, por meio dos professores, pode auxiliar no processo de divulgação desse conhecimento, mas esse trabalho deve envolver toda a comunidade escolar, lideranças e pais dos estudantes.

Esperamos que a partir desta investigação possam surgir cada vez mais pesquisadores interessados em conhecer a história dos Terena e de outros povos indígenas. Além disso, que os próprios indígenas, em especial os professores indígenas, possam ter o interesse em escrever sobre as tradições Terena e, assim, divulgar o conhecimento de suas origens, para que estas possam ser incorporadas, por meio da escrita e do discurso oral, às crianças e jovens indígenas e não indígenas.

Cabe, portanto, aos indígenas lutarem pelos seus direitos, o direito de viver em suas terras, de ter uma educação que privilegie os códigos e saberes da sua tradição, de ter acesso a condições dignas de vida, como a preservação da natureza, da saúde, da manutenção dessas tradições, para que seus costumes sejam respeitados e valorizados.

REFERÊNCIAS

BEOZZO, José Oscar. A mulher indígena e a igreja na situação escravista do Brasil colonial. *In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org). A mulher pobre na história da Igreja Latino-americana.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

BEZERRA, Antonio Maicon Batista. Lutas e Resistências Indígenas no Período Colonial:

Miscigenação e Etnificação, novas abordagens para o ensino de História. *Das Amazônias*, Rio Branco, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/2274>. Acesso em: 15 dez. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.

BRASIL. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 9 set. 2024.

CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para pesquisa histórica. *Fragmenta*, Aracaju, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. *Formação de Professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2006.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Educação e povos indígenas: construindo uma política nacional de educação escolar indígena. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 198, p. 273-283, maio/ago. 2000.

MACIEL, Léia Teixeira Lacerda; SILVA, Giovani José da. Nem “programa de índio”, nem “presente de grego”: uma crítica a concepções teórico metodológicas em pesquisas sobre educação escolar indígena, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1995-2001). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 9, n. 1 [19], p. 205-226, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38563>. Acesso em: 28 jul. 2024.

MAHER, Terezinha Machado. Formação de Professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. *Formação de Professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2006.

RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany Pantaleoni (Ed.). *Povos indígenas no Brasil: 2001/2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2001-2005>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes; SILVA, Giovani José da. História indígena, antropologia e fontes orais: questões teóricas e metodológicas no diálogo com o tempo presente. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 33-51, jan./jun. 2010.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org). *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

Sobre as autoras:

Nilzilene Paiz Flores: Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Formada em Pedagogia pela UEMS. Professora concursada da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande.

E-mail: nilzi.paiz@hotmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-3887-7487>

Léia Teixeira Lacerda: Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente no Curso de Pedagogia e no Mestrado e Doutorado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Bolsista PQ Fundect-CNPq. **E-mail:** leiatlacerda@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3752-0790>

Maria Leda Pinto: Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduada em Letras pela Faculdade Dom de Aquino de Filosofia Ciências e Letras. Professora Seor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), onde atua na pós-graduação, na área de estudos do texto e do discurso. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade certificado pelo CNPq e vice coordenadora do Núcleo de Estudos Bakhtinianos- NEBA. **E-mail:** leda@uems.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2826-7730>

Recebido em: 16/09/2024

Aprovado para publicação em: 08/05/2025

